



ID: 118760139

21-08-2025

Tese de doutoramento “Small Islands in Grand Strategy: The strategic geography of the Azores (1430-2022)”

“Os Açores são novamente importantes para funções estratégicas que já desempenharam durante a Guerra Fria, como o apoio logístico à projecção de força entre as duas margens do Atlântico”, afirma Tomé Ribeiro Gomes, Professor de Relações Internacionais na Universidade da Beira Interior

Correio dos Açores - Como surgiu a ideia para a elaboração da sua tese de doutoramento e qual é o seu principal objecto de estudo?

Tomé Ribeiro Gomes (Professor de Relações Internacionais na Universidade da Beira Interior) - Comecei a trabalhar na tese em 2020 no programa de doutoramento em “História, Estudos de Segurança e Defesa” no ISCTE, em Lisboa. A minha primeira ideia foi fazer algo sobre os Açores, talvez porque nasci e cresci na Ilha Terceira e sempre acreditei que devemos escrever sobre um tema que nos apaixone. O projecto inicial era perceber o valor estratégico dos Açores no contexto geopolítico desde o fim da Guerra Fria até hoje. A questão pareceu-me útil porque pelo menos desde o “downsizing” norte-americano da Base das Lajes anunciado em 2012 que temos vivido na dúvida sobre esse valor.

Tinha planeado um capítulo de contextualização histórica dos Açores, mas à medida que o escrevia percebi que a história dos Açores era muito mais importante que isso. A minha questão central, que procura saber quais os principais factores que determinam a relevância estratégica das ilhas, beneficiaria de conseguir olhar para toda a história dos Açores e encontrar padrões recorrentes. Por exemplo, há a ideia de que a tecnologia é que dá ou retira importância estratégica aos Açores.

Mas quando olhamos para os seis séculos de história, vemos que os Açores são importantes quando a tecnologia principal é a vela, por exemplo no século XVI, com a resistência ao domínio filipino. Séculos depois, o motor a vapor ultrapassa a vela como tecnologia de mobilidade naval. Os Açores perdem um certo tipo de utilidade, porque os ventos que os colocam no centro da navegação atlântica já não importam tanto. Mas ganham outro, porque os navios dependem de uma rede de depósitos de carvão em sítios como os Açores. O motor de combustão interna elimina esta função, mas a seguir coloca os Açores no centro da aviação transatlântica. Duvido muito que qualquer revolução tecnológica alguma vez torne irrelevante ter um arquipélago aqui no meio do Atlântico Norte como plataforma de apoio logístico.

Por isso mantive o objecto de estudo, que tenta compreender a “geografia estratégica” dos Açores, mas refiz a metodologia e a estrutura da tese para aproveitar ao máximo a história de longa duração. O resultado, espero eu, é percebermos algumas continuidades essenciais em toda a história dos Açores. E isto pode ajudar-nos a perceber que papéis podem desempenhar os Açores no presente e no futuro.

Ao longo das últimas décadas, de que forma os Açores tiraram partido e contribuíram devido à sua posição geográfica? Poderia indicar alguns exemplos concretos?

É uma questão muito importante. Aqui nos Açores falamos muitas vezes na rele-



“Duvido muito que qualquer revolução tecnológica alguma vez torne irrelevante ter um arquipélago aqui no meio do Atlântico Norte como plataforma de apoio logístico”

vância estratégica das ilhas como se fosse algo automaticamente bom para nós, ou até para todo país. Não acho que seja de todo assim. O valor estratégico pode resultar da nossa geografia, mas a estratégia é o domínio da decisão. Ou seja, podemos usar bem ou mal a nossa geografia. Penso que a tendência geral ao longo da história tem sido a de Portugal não compreender bem que a sua política externa tem de se adaptar aos Açores. Sem investimento nas infra-estruturas e nas capacidades certas, os Açores até se podem tornar uma vulnerabilidade para Portugal, até porque em vários momentos históricos Lisboa sente que há risco de perder a soberania das ilhas por haver quem queira investir nelas. O pós-25 de Abril é um desses momentos, em que há conversas na Casa Branca sobre tornar os Açores num “Taiwan atlântico” caso Portugal opte pelo comunismo. É provável que essa pressão tenha ajudado à obtenção da autonomia regional, que dá poderes bastante amplos aos açorianos e aos madeirenses. Portanto julgo que faz sentido vermos a própria autonomia como um benefício da relevância estratégica.

Durante a investigação para a sua tese, quais foram os factos ou descobertas que considerou mais relevantes ou surpreendentes?

Uma das vantagens de olhar para seis sé-

culos, que admito ser uma abordagem algo arriscada numa tese, é mesmo ser surpreendido em vários momentos. Alguns períodos da história açoriana são muito explorados, como a resistência ao domínio filipino no séc. XVI, as lutas liberais no séc. XIX e as I e II Guerras Mundiais no séc. XX. Mesmo nesses períodos surpreendeu-me o peso que os Açores muitas vezes têm nos processos de decisão e de planeamento militar de grandes potências como EUA, Reino Unido, ou Alemanha. E mesmo aqui há debates entre historiadores que não estão resolvidos e que merecem mais atenção. Por exemplo, a importância dos Açores para as comunicações intercontinentais durante a I Guerra ainda me parece um tema sub-explorado.

Depois há outros períodos em que os Açores desempenham papéis estratégicos, mas que não fazem parte da história que se costuma contar. Por exemplo, durante a Guerra Naval de 1812 entre Reino Unido e EUA e durante a Guerra Civil Americana. Nesses dois conflitos do século XIX o que aconteceu aqui teve consequências importantes para os EUA, para Portugal e para os próprios Açores. Também há muita coisa interessante que ainda não é do conhecimento do grande público no que toca às várias participações dos Açores na Guerra Fria.

Mas o mais surpreendente foi mesmo conseguir detectar padrões recorrentes ao longo de seiscentos anos. Há papéis estra-

“Se soubermos alavancar sectores estratégicos, como o espaço, podemos até ter aqui um ciclo virtuoso, em que o “cluster” espacial de Santa Maria atrai investimento, infra-estruturas e talento, aumentando progressivamente a utilidade dos Açores para a UE na sua agenda de “autonomia estratégica”

tégicos que identifico na tese e que reaparecem com tecnologias e contextos políticos completamente diferentes. Acho que isso nos leva a crer que há algo de intrinsecamente importante na geografia destas ilhas, embora se manifeste de formas diferentes ao longo dos séculos.

Num contexto global em que o foco estratégico se tem voltado para o Oriente, considera que os Açores e o Atlântico mantêm a sua importância geoestratégica? Porquê?

As regiões podem ser estrategicamente interessantes porque têm recursos próprios ou porque dão acesso a regiões que têm esses recursos. A importância dos Açores veio quase sempre de facilitar esse acesso. Durante os últimos anos, pensamos que a ascensão da China e o resultante “pivô asiático” da política externa norte-americana significaria que haveria menos interesse nos Açores. Mas essa é uma leitura estática do mundo. Os decisores pensam, ou devem pensar, no futuro. E tudo indica que no futuro o Atlântico continuará a ser importantíssimo do ponto de vista geopolítico. Dois factores em que pensar: primeiro, parece que os EUA estão a repensar a sua postura global, interpretando os seus interesses vitais de uma forma mais limitada. Se isto acontecer, e se os EUA se desinteressarem da Europa, onde ficará o perímetro de segurança dos EUA? Talvez nos Açores, como esteve, por exemplo, na II Guerra Mundial. E a Europa, não precisará de ter capacidades próprias na sua fronteira atlântica? Segundo, temos o Ártico. O degelo em curso está a abrir novas rotas e a facilitar o acesso a recursos na zona polar ártica, o que significará que um Atlântico essencialmente “aberto” a Norte. Aberto à actividade económica e, por isso, com novas questões de segurança e talvez até de conflito entre Estados.

Na sua perspectiva, qual poderá ser o papel estratégico dos Açores num futuro próximo? E em que áreas ou vertentes isso se poderá concretizar?

Para evitar repetir o que aconteceu por várias vezes na história (por ex., antes da I

ID: 118760139

21-08-2025

“Para evitar repetir o que aconteceu por várias vezes na história é importante que Portugal não fique à espera de ver que relevância têm os Açores para as grandes potências”

Guerra), é importante que Portugal não fique à espera de ver que relevância têm os Açores para as grandes potências. Se anteciparmos esses papéis e fizermos os investimentos necessários antes das questões se colocarem, então ficamos numa posição negocial melhor, o que levará a falarmos com uma voz mais forte no palco internacional e a termos maior probabilidade de conseguir retirar os devidos benefícios. Sei que é um açoriano a dizer isto, mas estes anos que passei a olhar para este tema leva-me a pensar que a resiliência e as capacidades da sociedade açoriana é um dos melhores investimentos de longo prazo na política externa portuguesa que Lisboa pode fazer.

Se soubermos alavancar novos sectores estratégicos, como o espaço, podemos até ter aqui um ciclo virtuoso, em que o “cluster” espacial de Santa Maria atrai investimento, infra-estruturas e talento para os Açores, contribuindo não só para a economia como aumentando progressivamente a utilidade dos Açores para a União Europeia na sua agenda de “autonomia estratégica” no que diz respeito ao espaço, área onde a U.E. depende de infra-estruturas de terceiros (ex.: satélites de empresas americanas).

Além disso, os Açores são novamente importantes para funções estratégicas que



Foto: LIONEL CIRONNEAU/AP

“Vamos ter de pensar bem, enquanto país e enquanto região autónoma, na nossa postura em relação a esta relevância estratégica, porque já não estamos na Guerra Fria”

já desempenharam durante a Guerra Fria, como o apoio logístico à projecção de força entre as duas margens do Atlântico (especialmente dos EUA para a Europa, Norte de África e Médio Oriente) e a vigilância marítima.

No espaço de poucas semanas tivemos dois sinais fortes de como estas funções ainda importam: a utilização da Base das Lajes pelos aviões reabastecedores durante a operação militar norte-americana que

atingiu instalações nucleares no Irão, em Junho, e a escala do submarino de propulsão nuclear USS Michigan na Ilha Terceira, em Julho. Este episódio mostra que os EUA estão preocupados com a actividade submarina russa no Atlântico Norte, que está ligada ao regresso da tensão geopolítica ao Ártico. Os EUA também anunciaram obras nas Lajes para apoiar a operação permanente de aviões P-8, que fazem patrulhas marítimas.

Vamos ter de pensar bem, enquanto país e enquanto região autónoma, na nossa postura em relação a esta relevância estratégica, porque já não estamos na Guerra Fria. Os EUA estão a recalibrar a sua política externa e a U.E. também, com a sua agenda de “autonomia estratégica”, que ainda não sabemos até onde irá. A incerteza é uma característica fundamental da estratégia, mas parece-me claro que estaremos tanto melhor posicionados para enfrentar o que aí vem quanto tivermos investido na geografia açoriana e a conseguirmos alavancar pelos nossos próprios meios. As alternativas são esperar que outros o façam ou tentar esconder-nos da história, o que não costuma dar bom resultado para pequenas potências como Portugal.

José Henrique Andrade

Se fizermos os investimentos necessários antes das questões se colocarem e se alarmos com uma voz mais a nível internacional



“É importante que Portugal não fique à espera de ver que relevância têm os Açores para as grandes potências” porque “se anteciparmos podemos negociar”, diz Tomé Ribeiro Gomes

págs 4-5